

## Sobre as formas de tratamento no Português em Angola: o caso de você<sup>1</sup>

Queneth Pires

pireskenneth21@hotmail.com

Universidade do Porto [Portugal]

Instituto Superior de Ciências de educação da Huíla [Angola]

### ABSTRACT.

The starting point for this study is the observation that, by generalizing its use in the Angolan context, the treatment form *you* will acquire, as is registered in the diatopic and diastratic varieties of PE, distinct semantic values, pragmatic and discursively determined. It is because of the context (formal, informal) and the relationship (vertical, horizontal) that *you* registers considerable rates of occurrence in Angola, including in contexts in which, according to the standard norm, such use is discouraged. Data were obtained by applying a questionnaire with twenty questions, all simulating real communication situations. The questionnaire was distributed and filled out online by 115 participants of different educational levels, provinces of residence, age group and sex. From the data analysis, which follows an eminently qualitative approach, it was possible to identify different types of use of *you*: *you of intimacy*, *you of intimacy-affection*, *you of respect-affection*, *you of superiority*, *you of inferiority*, *you of detachment*; *you interpolate*, *you derogatory*. The discursive context, the type of expressive act, of praise or criticism, formal or informal, the relationship between the interlocutors, of power, solidarity, or proxemics, are determining variables for the association of one of those semantic values to *you*. The conclusion is the following: when a positive semantic value is associated with *you*, it occurs in an expressive speech act of praise and the pronominal treatment presents percentage data (very) close to the data related to the nominal treatment; when, on the contrary, it occurs in expressive acts of criticism, it reveals itself to be considerably threatening from the negative face, which is reflected in the reduction of its use, translated into (very) low percentage rates, compared to percentage rates related to nominal treatment. Therefore, the less used the *you* will be, the more threatening it is to the negative face of the addressee.

### KEYWORDS.

Angolan Portuguese; *you*; expressive act; positive face; negative face.

### RESUMO.

O ponto de partida para este estudo é a constatação de que, generalizando-se o seu uso no contexto angolano, o *você* vai adquirindo, a exemplo do que se regista nas variedades diatópica e diastrática do PE, valores semânticos distintos, pragmática e discursivamente determinados. É em

---

<sup>1</sup> Agradecimentos especiais às professoras doutoras Maria Alexandra de Araújo Guedes Pinto e Isabel M. Duarte, pelos importantes contributos.

virtude do contexto (formal, informal) e da relação (vertical, horizontal) que você regista índices consideráveis de ocorrência em Angola, incluindo nos contextos em que, de acordo com o padrão, tal uso é desaconselhado. Os dados foram obtidos pela aplicação de um questionário com vinte perguntas, todas simulando situações reais de comunicação, o qual foi distribuído e preenchido *online*, por 115 participantes de distintos níveis de escolaridade, províncias de residência, faixa etária e sexo; da análise dos dados, que segue uma abordagem eminentemente qualitativa, foi possível identificar diferentes tipos de uso de você: *você de intimidade*, *você de intimidade-afeto*, *você de respeito-afeto*, *você de superioridade*, *você de inferioridade*, *você de distanciamento*; *você interpolar*, *você depreciativo*. O contexto discursivo, o tipo de ato expressivo, de elogio ou de crítica, formal ou informal, a relação entre os interlocutores, de poder, de solidariedade ou proxêmica, são variáveis determinantes para a associação de um daqueles valores semânticos ao você. A conclusão é a seguinte: quando se associa ao você um valor semântico positivo, este ocorre num ato de fala expressivo de elogio e o tratamento pronominal apresenta dados percentuais (muito) próximos dos dados relativos ao tratamento nominal; quando, ao contrário, ocorre em atos expressivos de crítica, revela-se consideravelmente ameaçador da face negativa, o que se reflete na redução do seu uso, traduzido em índices percentuais (muito) baixos, comparativamente aos índices percentuais relativos ao tratamento nominal. Portanto, tanto menos usado será o você, quanto mais ameaçador se revelar para a face negativa do alocutário.

#### PALAVRAS-CHAVE.

Português em Angola; você; ato expressivo de elogio; ato expressivo de crítica; face positiva; face negativa.

## 0. Introdução

Os falantes do português têm, para distintas finalidades – alocução, elocução, interlocução –, um conjunto diverso de formas de tratamento, assim categorizadas: nominais, pronominais e verbais; a opção por uma destas muitas possibilidades, de acordo com Nascimento (2020: 2702), é um exercício para o que intervêm, além das opções pessoais, fatores de natureza sociocultural: i. o contexto – formal ou informal – em que se insere o discurso; ii. a hierarquia dos papéis sociais e profissionais, de que constituem exemplo as relações entre dirigentes e subordinados, professores e alunos, pais e filhos; iii. os traços particulares dos interlocutores – além da idade, das competências linguística e comunicativa e do género, inclui-se nesta categoria o grau de conhecimento mútuo; e iv. “as tradições próprias de certos grupos sociais ou familiares e de certas regiões” (*idem, ibidem*).

Para o falante comum, a escolha de uma ou de outra forma de tratamento

(FT) nem sempre se revela um exercício fácil; no contexto angolano, a dificuldade pode ilustrar-se por recurso ao comentário seguinte<sup>2</sup>:

- (1) “Professor, se eu usar você com um senhor que encontrar na rua, vai parecer desrespeitoso; o tu não posso mesmo usar; mas se eu usar senhor, também posso parecer mal educado!”.

Junte-se-lhe estes, retirados de Teixeira (2008: 11):

- (2) “Eu acho, eu entendo que (você) é um termo de inferiorizar alguém”.  
(3) “A um amigo, chamo de uma maneira particular e digo-lhe mesmo: você.”  
(4) “Eu gosto muito desse termo “você”. “Tu” na minha boca não.”

No comentário (1), revela-se a dificuldade em selecionar a FT adequada às características do contexto e do alocutário; no (2), o valor hierarquizante, ofensivo de *você*; no (3) e no (4), a consciência dos participantes relativamente aos usos preferenciais de *você*, em detrimento de *tu*; nos quatro comentários, talvez menos evidentemente no (4), o saber atinente aos valores hierarquizante, igualitário e/ou proxémico associados quer a *você*, quer a *tu*, do que resulta a sua interpretação como duas FT potencialmente ameaçadoras da face negativa, se utilizadas em contextos marcados por relações de poder e/ou distanciamento entre os interlocutores (cf. comentário (1)). Assim, se o objetivo for igualmente o de não “parecer desrespeitoso”, ou, conforme o segundo comentário, não “inferiorizar alguém”, portanto, preservar a face positiva, a estratégia deverá consistir em evitar o tratamento por *tu* ou por *você*.

Há, com efeito, usos merecedores de atenção:

- (5) “Professor, vamos ficar como, sem você?”<sup>3</sup>  
(6) “Mãe, aqui mesmo você é a única que me entende!”.<sup>4</sup>

---

2 Feito por um estudante, durante uma aula de Português I, unidade curricular do primeiro ano do curso de Licenciatura em Ensino da História, ministrado pelo Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla.

3 Idem.

4 Idem.

Professor e mãe situam-se, à partida, em contextos distintos – formal para o primeiro e informal para o segundo; denotam, entretanto, um mesmo tipo de relação, assimétrica, e ocorrem num mesmo tipo de ato de fala, o expressivo (de elogio). O recurso a *você*, nestes dois exemplos, pode assim explicar-se: está a generalizar-se o uso do *você* no contexto angolano (cf. Teixeira 2008: 9); mas este uso, como ficará demonstrado no decurso do presente estudo, não ignora nem as especificidades do contexto discursivo, nem as do alocutário; é, pois, provável que, em virtude do seu uso generalizado, o *você* ocorra associado a distintos valores semânticos, discursiva e pragmaticamente determinados, i.e., como índice de deferência, de afetividade e, por isso, a interpretar-se, para só citar estes casos, como um “*você* de respeito”, descrito em Bazenga (2017: 3); para tanto, será relevante a categoria do ato de fala (expressivo de elogio) em que se insere a FT, como ficou ilustrado, pelos comentários (5) e (6).

Interessava, assim, pelo que ficou demonstrado até aqui, i. verificar os valores associados à utilização do *você*, no contexto angolano; ii. identificar as variáveis pragmático-discursivas (ato de fala, contexto de elocução, tipo de relação, faixa etária) determinantes para que o falante adote ou evite o tratamento por *você*.

### 1. Da instabilidade do *você* no português europeu

Considerando-se o nível supradialetal, o padrão europeu<sup>5</sup>, *você* tem uso muito restrito entre os mais velhos, mas também entre os falantes mais cultos; a condição básica é a cortesia verbal, a preservação da face. Ocorre, por isso, em contextos marcados por graus mais ou menos acentuados de formalidade, assimetria, proximidade, denotando entre os intervenientes “uma relação social de igualdade (por exemplo, entre colegas de trabalho sem grande intimidade) ou de superioridade (de patrão para empregado)” (Nascimento 2020: 2711), donde advém o uso desaconselhado quando em referência a um destinatário superiormente localizado, na relação de horizontalidade, ou a um destinatário que, situando-se ao mesmo nível

---

5 Norma de referência para o português que se fala em Angola.

na estrutura hierárquica, mantém com o locutor um certo distanciamento. Convém, entretanto, notar o seguinte: mesmo nos casos em que, como dito previamente, a entidade referida pela FT é um subordinado, o risco de o seu uso se revelar pouco cortês, portanto, ameaçador da face negativa, é imanente, pelo que se tornam preferíveis as “formas nominais alternativas, como *o senhor, a senhora*<sup>6</sup>, o nome próprio do ouvinte, etc.” (*idem, ibidem*); o sujeito nulo (com o verbo na terceira pessoa do singular) é, a par do tratamento nominal, uma estratégia eficaz.

Com efeito, e porque uma língua não se realiza uniformemente, o tratamento pronominal por recurso a *você* pressupõe variações – diastrática e diatópica, não faltando referências e exemplos de variação diafásica. Disto resulta a complexidade do seu uso em PE: Matoso (2003), Gouveia (2008) Duarte (2010), Cavalheiro (2016). É também em virtude destas variações que se vai registando uma diversidade de valores semânticos, discursiva e pragmaticamente determinados; ou seja, não estando totalmente definidos estes valores (Marques 2008: 286), é na interação discursiva que se atualiza, delimitando-se cada valor conforme a intencionalidade e a interpretação que se lhe atribui, a relação que se estabelece entre os interlocutores, as características do espaço e do tempo discursivos, etc. Fala-se, assim, de um certo *você* no Norte, de um *você* no Sul; assim como se fala de um *você* entre a classe alta, e um outro entre a classe média; Marques & Duarte (2019) dão conta de um *você* por cujas propriedades contextuais resultaria ofensivo; Marques (*idem*, 286) alude a um tipo que, pelas mesmas razões, poder-se-ia considerar um “*você depreciativo*”; Lešková (2012: 30-31), a dois outros: um “*você de intimidade*” e um outro, que se poderia considerar de neutralidade, como é o que se usa nas rádios e televisões, por jornalistas, apresentadores, modelos publicitários, etc., para se dirigir ao seu público. Junte-se-lhes estes outros, retirados de Bazenga, citando Hammermüller (1993):

o “*você*”<sup>7</sup> de respeito; o “*você*” de igualdade; o “*você*” de inferioridade; o “*você*” que elimina a ambiguidade<sup>8</sup> (nas situações ambíguas onde não queremos ser informais, tratando a pessoa por

---

6 Grifo da autora.

7 As aspas são da autora.

8 Para facilidade de leitura, será denominado “*você interpolar*”.

“tu”, ou ser muito formais, tratando alguém por “o/a senhor/a”); o “você” afetivo, com pessoas conhecidas dentro da família; o “você” de distanciamento, quando o locutor quer manter a distância com a pessoa a quem se dirige; e, por fim, o “você” metalinguístico, ou seja, quando usado para referir um “você”, como em “Você é um pronome” ou “Você é o sujeito da frase”, sendo desprovido de significado

(Bazenga 2018: 3)

Tantos valores para uma mesma palavra acarretam consequências; Gouveia (2008: 94) refere-se a uma “quase generalização do uso de você em vez de o *Senhor*, a *Senhora*, etc.”; para Nascimento *et al.* (2018: 251), que o situam principalmente entre os mais jovens e os menos cultos, o fenómeno consiste no uso indiscriminado de *você* direcionado a qualquer pessoa; Marques & Duarte (2019: 247) apontam para o mesmo, tendo demonstrado, entretanto, que “uma crescente ocorrência e aceitação por parte de muitos falantes coexiste com esta dimensão negativa”.

Não raras vezes, este uso indiscriminado cria ruído na comunicação, i.e., incide negativamente sobre a informação veiculada; noutras vezes, em que a consequência se revela mais severa e mais prejudicial também, gera-se uma espécie de tensão e/ou conflito de proporções mais ou menos graves, como o demonstraram Marques & Duarte (*idem, ibidem*), de quem provém o primeiro dos três comentários seguintes: “convém evitar que se repita. Isso desvaloriza e amarfanha o conteúdo de qualquer declaração, mesmo entre a classe operária” (Marques & Duarte: *idem, ibidem*); “Se me tratam por você, inadequadamente, isto é, alguém que por convenção social eu considere inferior a mim, eu fico ainda mais surdo do que sou.” (Lešková 2012: 30-31); “Tal como me irrita quando vejo/oiço um jornalista tratar por você alguém com o dobro da idade dele.”<sup>9</sup>

Fica assim evidente uma bipolarização; de um lado, os que o aceitam naturalmente – são 36,36%, segundo os dados de Lešková (*idem*, 59); de outro, os que se insurgem – são 63,4%, segundo os dados da mesma autora. Fica também evidente que as consequências de um uso inapropriado de

---

9 Excerto de um artigo de opinião publicado em <https://www.jn.pt/opiniaio/alice-vieira/senhoras-donas-por-favor-1018968.html>; data de consulta: 26 de janeiro de 2022.

uma forma de tratamento, mesmo que de uso tão generalizado, como é o caso de *você*, estão longe de se circunscrever ao domínio linguístico. Tem, portanto, implicações mais ou menos evidentes nas relações humanas, desde as socioculturais, profissionais, religiosas, comerciais, etc.

A literatura relaciona a generalização do *você* no PE a fatores e/ou agentes de ordem diversa: i. a incapacidade de a escola proporcionar uma sólida formação linguística (cf. Duarte 2010) aos seus estudantes, estabelecendo-se, assim, entre o ensino e a competência linguística e/ou comunicativa uma relação de causa e consequência; ii. a exposição de falantes do PE ao PB, mas não só, donde resulta uma “eventual influência do PB, do castelhano e do inglês, mais “igualitários”<sup>10</sup> do que o PE” (*idem, ibidem*); iii. Matoso (2003: 278) refere-se-lhe como um índice de “má educação” do indivíduo. Uma outra causa para essa generalização é a necessidade de adequação discursiva, i.e., optar por *você* nos contextos em que o bom senso desaconselha quer o *tu*, quer o *você*; portanto, “é possível que o uso mais frequente de *você* corresponda à necessidade de suprir a ausência de um pronome de 2.<sup>a</sup> pessoa a usar em conversas informais, mas sem intimidade, opondo-se, portanto, ao pronome *tu*” (Nascimento *et al.* 2018: 251). Note-se, entretanto, que estas razões não se podem compreender senão pela íntima relação que mantêm entre si, mas também com esta outra, provavelmente a primeira e mais eminente entre todas, e que tem que ver com uma reconfiguração em curso na sociedade portuguesa contemporânea, assim descrita por Gouveia:

Diria que estamos presentemente a sofrer as transformações da passagem de um sistema de face e solidariedade de base hierárquica e deferencial para um sistema de base igualitária e de envolvimento. No primeiro, o de base hierárquica e deferencial, que diria tradicional, os actores sociais, por um lado, reconhecem e respeitam as diferenças sociais que os colocam em posições relativas no quadro das relações interpessoais, e, por outro, usam estratégias de distanciamento e de deferência relativamente ao outro. No segundo, o de base igualitária e de envolvimento, que diria pós-tradicional, os actores sociais não sentem que existam diferenças de poder e de envolvimento entre as

---

10 As aspas são da autora.

peçoas com quem interagem e codificam as suas relações em termos de proximidade e de familiaridade

(Gouveia 2008: 97)

Em síntese: mais do que um facto de língua, as FT constituem “uma categoria pragmática com impacto direto nas relações estabelecidas por cada comunidade social e linguística” (Marques & Duarte 2019: 236), devendo o seu uso obedecer ao conjunto dos fatores pragmáticos, discursivos e sociais previamente indicados. *Você* é uma FT; não deve, por conseguinte, constituir exceção.

## 2. O caso do PA<sup>11</sup>

Dos autores que sabemos dedicarem-se às FT no PA, merece destaque Teixeira, que, interessada nas similaridades entre o PB e o PA, desenvolveu um trabalho investigativo cujos resultados, descritos em “O Pronome *Você* no Português de Luanda”, foram apresentados no *I Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa (SIMELP)* – em 2008; é a primeira que sabemos dedicar-se ao assunto no contexto angolano, tendo-se cingido ao uso das formas pronominais *tu* e *você*, não obstante a referência, muito breve, às formas nominais, sobre que assevera: “Entre os usuários dessa norma, somente na relação jovem X velho observa-se um tratamento respeitoso ou cortês. As formas corteses mais usadas são: a tia, paizinho, o avô Fulano, entre outras do mesmo tipo” (Teixeira 2008: 9). Esta questão será retomada anos mais tarde, por outros autores: Balsalobre (2015, 2017), Silva (2020), Naege (2021).

Cruzando os dados apresentados em cada um dos trabalhos supracitados, é possível definir algumas tendências:

- i. Em virtude dos graus mais elevados de delicadeza que se lhes associa, as FT nominais têm largo uso no contexto angolano, sobrepondo-se quer às pronominais, quer às verbais;

---

<sup>11</sup> Português em Angola.

- ii. Quando o tratamento se dá pronominalmente, usa-se *tu* ou *você* indiferentemente;
- iii. Não obstante a paridade, *você* sobrepõe-se a *tu*, um facto de importância assinalável para o uso generalizado no contexto nacional (cf. Teixeira 2008; Balsalobre 2015).

Atente-se ainda para este dado: é frequente a combinação de *você* com o verbo na segunda pessoa (“...mas como *você* crescestes na cidade...”<sup>12</sup>), intimamente relacionada ao grau de escolarização e à língua materna do participante, donde resulta a assunção de que, quanto mais instruído, menor é a probabilidade deste tipo de ocorrência no seu discurso – não se ignore, entretanto, os 38% relativos ao fenómeno entre os estudantes universitários que participaram da pesquisa; os 80% atinentes à prática entre os falantes que têm como L1 uma língua de origem africana demonstram situar-se neste grupo o maior índice de ocorrência do sujeito pronominal da segunda pessoa com o verbo na mesma pessoa.

Segundo os dados apresentados por Silva (2020: 173), só 10,1% de jovens (inquiridos pelo autor) até 25 anos usa uma forma pronominal (*tu*, *você*) para se dirigir ao seu progenitor; entre os 26 e os 30, o número sobe para 23,7%, baixando para 10,3%, se se considerar o intervalo entre 31 e 35 anos; nos demais grupos etários, os números são os seguintes: 36-40 (3,6%), 41-45 (0%), acima dos 46 (5,3%). Em sentido inverso, i.e., de pais para filhos, os valores correspondentes ao tratamento pronominal (32,5%) estão muito próximos dos valores referentes ao tratamento nominal (31,6%). Fica, assim, evidente uma clara tendência para o tratamento nominal de filhos para pais (*tu*, *você*, *pai*, *papá*, *mãe*, *senhor*, *kota*, *velha(o)*, *pai grande*, *mana(o)*, *chefe*, *dona*, *mamoite*, *papoite*, *boss*); quando em sentido inverso, o tratamento ocorre indiferentemente sob a forma nominal ou pronominal (*tu*, *você*, *filho(a)*, *querido(a)*, nome próprio). Na relação entre professores e alunos, a forma privilegiada é a nominal, quando do aluno para o professor (professor(a), senhor(a) professor(a)); se, ao invés, o tratamento ocorrer por uma FT pronominal (*você* (sucedido ou antecedido de *professor(a)*, *senhor(a) professor(a)*), os valores percentuais não chegam aos 10%; oscilam entre

---

12 O exemplo é de Teixeira (2008: 8); o grifo é nosso.

1,3% e 9,5%, considerando-se os diferentes grupos etários. Na relação entre crianças e adultos, dá-se o mesmo: predomina o tratamento nominal (76,3%), seguido de um tratamento simultâneo (nome e pronome) (17,5%) e, finalmente, pronominal (5,2%). Diferentemente do que é recomendável, segundo a norma padrão, a direção de um superior hierárquico para um seu subordinado se dá tendencialmente sob a forma pronominal (*chefe* (seguido ou não de nome próprio), *boss*, *doutor/engenheiro* (seguido ou não de nome próprio; *mano(a)*), demarcando muito nitidamente a posição subalterna do alocutário. A tendência é semelhante, quando considerada a relação entre colegas: os mais novos tendem a dirigir-se aos mais velhos por uma FT nominal (*colega* (seguido ou não de nome próprio), *tio(a)* (seguido ou não de nome próprio); os mais novos, aos mais velhos, pronominalmente (*tu*, *você*).

Os dados ora apresentados corroboram as conclusões de Teixeira (2008) e Balsalobre (2015), de acordo com as quais, no PA, privilegia-se o tratamento nominal, em virtude do seu elevado grau de cortesia. Não deixa, entretanto, de ser curioso o facto de se terem registado, nos estudos citados, tratamentos pronominais de filhos para pais, de subordinados para chefes, de mais novos para mais velhos (Boa tarde, senhora. Faz favor. Podes me indicar aqui alguma pastelaria, restaurante que possa apanhar alguma coisa, faz favor?)<sup>13</sup>; pode-se, simplesmente, associar o facto a um possível baixo nível de instrução; ou, simultaneamente, considerar estar em curso um processo de ressignificação, o qual consiste em associar ao *você* valores semânticos até agora não reconhecidos, donde resulta a manutenção da interdição do seu uso em determinados contextos.

Para concluir: a dificuldade em reconhecer, com o rigor que se impõe, os diferentes valores associados à utilização do *você* no PA é, por si mesma, reveladora de uma necessidade premente: desenvolver estudos, redireccionando o foco, que deverá então passar por identificar, descrever e sistematizar os valores semânticos que decorrem da variação no seu uso, bem como os fatores pragmático-discursivos que se lhe associam, incluindo aqueles usos em que *você* ocorre com o verbo na segunda pessoa.

---

13 Exemplo tal qual recolhido em Balsalobre (2015: 240).

### 3. Metodologia

A realização deste estudo obedeceu a um conjunto de etapas interdependentes, podendo dividir-se, fundamentalmente, em dois momentos: a conceção e a execução (parte empírica); neste último, procedeu-se à maior parte das tarefas, nomeadamente, a pesquisa bibliográfica, ao fim da qual se deu início à redação da parte teórica, coincidente com a elaboração e aplicação do questionário, a respeito do que importam as seguintes observações: para a sua elaboração, teve-se em conta as variáveis que se pretendiam testar, a saber, i. o tipo de ato expressivo, de elogio ou de crítica; ii. o contexto discursivo, formal ou informal; iii. a diferença de idade; iv. a relação hierárquica e/ou proxémica entre os interlocutores. Pretendia-se, assim, determinar a correlação entre a interpretação da FT pronominal em estudo e cada uma dessas variáveis. Procedeu-se à elaboração de perguntas para cujas respostas os participantes teriam de considerar, cumulativamente ou não, cada uma das variáveis referidas. Para cada pergunta, havia duas respostas possíveis, podendo o participante seleccioná-las em simultâneo; cada uma destas possibilidades de resposta constituía um ato de fala expressivo (de elogio ou de crítica) em que se inserem o *você* e uma FT nominal. Uma vez redigido o questionário, seguiu-se a distribuição, enviando-se, através do WhatsApp, o link gerado automaticamente pelo Google Docs, a pessoas e/ou a grupos; 115 pessoas responderam.

Encerrado o processo de respostas ao questionário, procedeu-se, simultaneamente, à análise e à interpretação dos dados, apresentados na secção correspondente; a abordagem é mista, i.e., qualitativa-quantitativa.

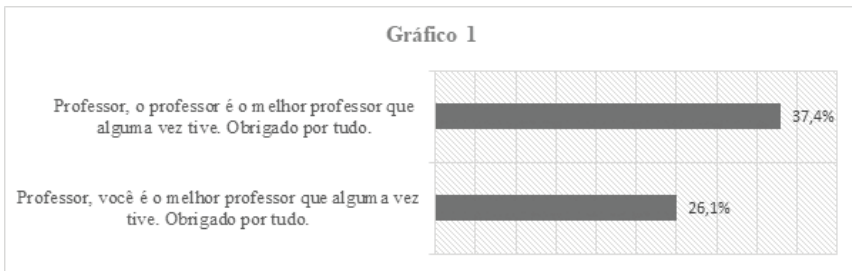
Para o acompanhamento da análise dos dados apresentados, considere-se o seguinte: não tendo sido possível distinguir, apenas pelas perguntas do questionário, com a precisão e o rigor necessários, entre o *você* de afeto, o *você* de intimidade e o *você* de respeito, caracterizados na parte teórica deste estudo, optou-se por denominar *você de intimidade-afeto*, para a relação entre pais e filhos, e *você de respeito-afeto*, para a relação entre professores e alunos; as demais denominações mantiveram-se como na parte teórica deste estudo: *você de igualdade*; *você de inferioridade*; *você interpolar*; *você de distanciamento*; *você metalinguístico*; *você depreciativo*; *você de neutralidade*.

Apesar de ter havido no questionário perguntas que visavam testar a interpretação de *você* como um facto associado quer à posição (inicial ou final) do vocativo, quer à ocorrência ou não de atenuadores da força ilocutória, estes dados foram descartados, em virtude de a análise preliminar ter revelado insignificantes. Por último: optou-se por não cruzar as variáveis aqui exploradas e outras, como o sexo, o grau académico, a província de residência, considerando a extensão do estudo.

#### 4. Apresentação e discussão dos resultados

**Pergunta 1** - Imagine-se na última aula do ano, com o professor de quem mais gosta; que frase, entre as sugeridas abaixo, usaria para que melhor expressasse o seu sentimento de gratidão e/ou admiração por este professor?

GRÁFICO 1 – Resultados da pergunta 1

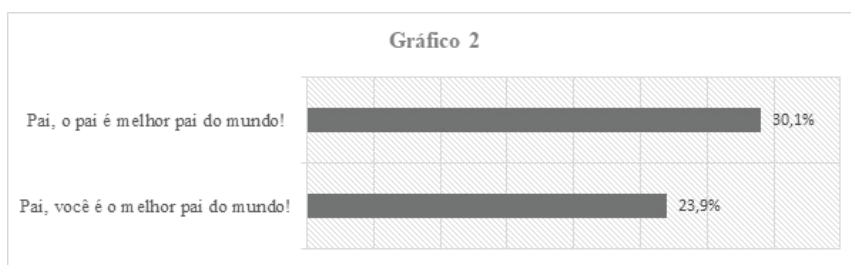


Os dados apresentados neste primeiro gráfico são referentes à primeira pergunta, com que se pretendia aferir, em relação ao PA, a ocorrência do *você* com valor positivo, inserindo-o num ato de fala expressivo de elogio, potencialmente favorecedor de tal ocorrência. O contexto discursivo para o qual remetem tanto a pergunta quanto as possibilidades de resposta pressupõe uma relação de hierarquia caracterizada pela deferência e pela relativa proximidade entre os intervenientes; era, por isso, expectável que, em respeito a um princípio elementar da cortesia, a proteção da face positiva do alocutário, a diferença entre as duas FT comparadas se revelasse expressiva. Tal não foi o caso, uma vez que, como demonstram os dados do

gráfico, a diferença situa-se na ordem dos dez pontos percentuais, o que se pode explicar pelo valor positivo associado à FT, donde, em decorrência, a legitimação do seu uso num contexto marcado por um grau de formalidade considerável. Justifica-se, assim, uma interpretação segundo a qual o *você*, naquele enunciado, é percebido como um *você de respeito-afeto*.

**Pergunta 2** - Imagine que tenha recebido um belíssimo presente do seu pai; que frase, entre aquelas que se seguem, usaria para mais apropriadamente descrever a sua satisfação?

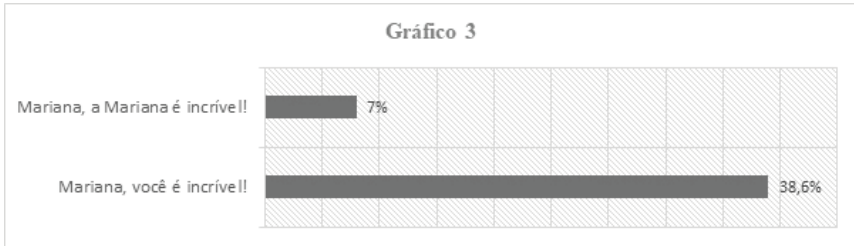
GRÁFICO 2 – Resultados da pergunta 2



Assim como no caso anterior, também aqui a diferença se constitui inexpressiva – são 30,1% para a FT nominal e 23,9% para a FT pronominal; conserva-se, entretanto, uma diferença que importa referir: partindo-se do princípio de que, pelas suas próprias especificidades, a relação entre pais e filhos, diferentemente da que se estabelece entre o professor e o seu aluno, é uma relação que torna muito mais propícia a criação de laços de intimidade, pode-se concluir que a ocorrência da FT *você* respeita a face positiva do seu interlocutor; e que, pelas mesmas razões, é interpretado, no caso dado, como o *você de intimidade-afeto*.

**Pergunta 3** - Imagine que Mariana, sua subordinada, tenha executado muito bem uma tarefa. Selecione, por favor, entre as que se seguem, a frase que melhor descreveria a sua satisfação em relação à Mariana.

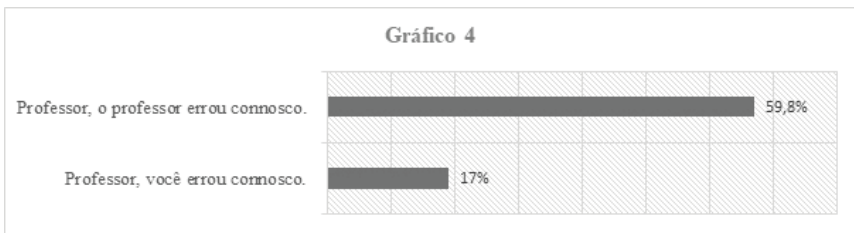
GRÁFICO 3 – Resultados da pergunta 3



Considerando-se que a pergunta que dá origem a este gráfico remete para uma relação assimétrica, caracterizada por um grau de relativa formalidade e proximidade, i.e., para uma relação nem muito formal, nem muito informal, nem muito íntima, nem muito afastada; que o ato de fala em que se insere o tratamento pronominal valoriza a face positiva do alocutário; que não se pode, por isso, associar à diferença expressiva entre o *você* (38,6%) e a FT nominal (7%) um tratamento descortês, mais precisamente, fortemente hierarquizante; será legítimo concluir que se trata de um *você* *interpol*ar.

**Pergunta 4** - Imagine que um professor seu tenha errado com a sua turma. Que frase, entre as sugeridas abaixo, usaria para melhor expressar o seu sentimento de descontentamento?

GRÁFICO 4 – Resultados da pergunta 4

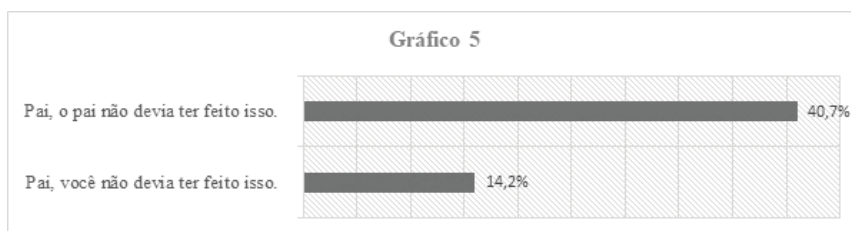


A quarta questão, assim como a primeira, remete para um mesmo contexto situacional e um mesmo tipo de relação entre os interlocutores; divergem, entretanto, na natureza dos enunciados apresentados como possibilidades de resposta, já que os da primeira constituem atos expressivos de elogio e os da segunda, atos expressivos de crítica; os dados obtidos a partir da primeira

revelam uma diferença não expressiva entre a FT pronominal e a nominal; ao contrário, aqueles que se obtêm a partir da quarta questão evidenciam uma disparidade expressiva entre as mesmas FT – são 17% relativos a *você* e 59,8% à FT nominal. Tal facto pode assim explicar-se: sejam ou não capazes de a explicitar, os participantes têm ciência de que, ocorrendo num ato como o expressivo de crítica, *você* constitui-se numa FT ameaçadora da face negativa; mais ainda quando usado para direção a um interlocutor que se situa no topo da hierarquia, como é o caso do professor; é, pois, considerando a diferença expressiva entre os dois tipos de FT, o tipo de ato de fala e a relação hierárquica, que se pode interpretar a forma pronominal como um *você depreciativo*, interpretação determinante para o baixo índice de ocorrência.

**Pergunta 5** - Imagine-se na necessidade de repudiar o seu pai. Que frase, entre aquelas que se seguem, usaria para mais apropriadamente descrever a sua insatisfação?

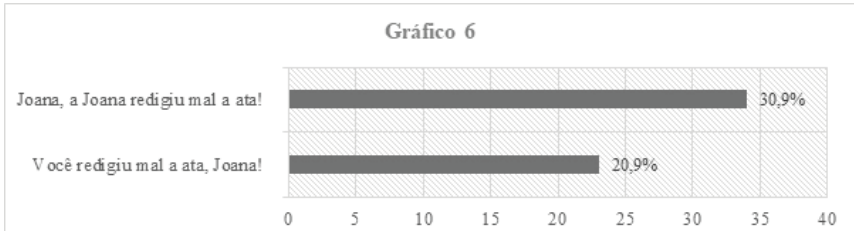
GRÁFICO 5 – Resultados da pergunta 5



Os 40,7% relativos ao tratamento nominal, contra os 14% relativos ao tratamento pronominal, evidenciam uma consciência presumivelmente sólida a respeito de um *você* por cuja interpretação se pode considerar ofensivo, ameaçador da face negativa, não obstante o grau de (relativa) intimidade que se estabelece entre o locutor e o alocutário, nas relações e nos contextos semelhantes aos que simulam os enunciados apresentados como possibilidades de resposta. Trata-se aqui também de um *você considerado depreciativo*, o que explica o baixo índice da sua ocorrência.

**Pergunta 6** - Imagine-se triste com uma sua subordinada, uma senhora de idade avançada. Que frase, entre as sugeridas abaixo, usaria para se dirigir à senhora?

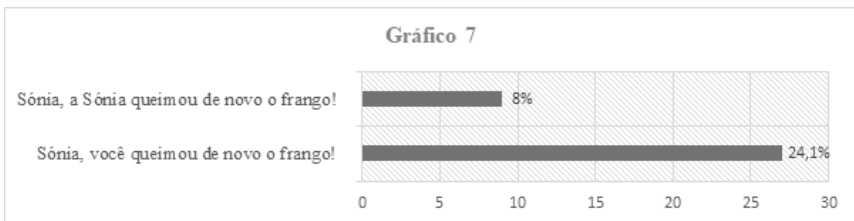
GRÁFICO 6 – Resultados da pergunta 6



Para a interpretação dos dados deste gráfico, é importante considerar que a pergunta remete para uma relação e um contexto em que, de acordo com o padrão, recomendável é o uso de uma FT nominal; neste sentido, o expeável era que um tratamento pronominal, a ocorrer, registasse níveis muito baixos. Tal não foi o caso, já que os 20,9% relativos à escolha de você para direção à subordinada constituem valores altos, se considerados os 30,9% relativos ao tratamento nominal. Tratar-se-á, por isso, de um *você* que, acentuando as diferenças entre ambos, pode interpretar-se como um *você de inferioridade*.

**Pergunta 7** - Imagine-se triste com uma sua subordinada, uma jovem. Que frase, entre as sugeridas abaixo, usaria para se dirigir a esta jovem?

GRÁFICO 7 – Resultados da pergunta 7



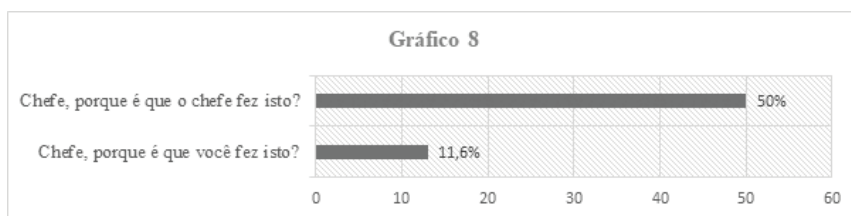
Apesar da identidade da relação e do contexto situacional simulados pela sexta e sétima perguntas, os dados desta remetem para uma diferença expressiva (24,1% para *você*, contra 8% para a FT nominal), contrastando com os da anterior; a justificação pode estar na faixa etária em que se situa a interlocutora do diálogo simulado pela sétima pergunta (e as possibilidades

de resposta). Trata-se, também aqui, de um *você de inferioridade*, o mesmo para o qual remetem as respostas à sexta questão, diferindo, no entanto, por ser, neste caso, fortemente hierarquizante; é em virtude disto que o tratamento nominal, recomendado pelo padrão, obteve índices percentuais tão baixos (8%), se considerados os 24,1% relativos ao tratamento pronominal.

Fica, assim, comprovada a pressuposição inicial, a partir da qual se compôs o par constituído pelas duas perguntas em questão: além da relação de poder, a diferença de idades determina a interpretação de *você*.

**Pergunta 8** - Imagine que o seu superior hierárquico tenha feito algo que lhe tenha desagradado. Que frase, entre as sugeridas abaixo, usaria para lhe mostrar o seu descontentamento?

GRÁFICO 8 – Resultados da pergunta 8



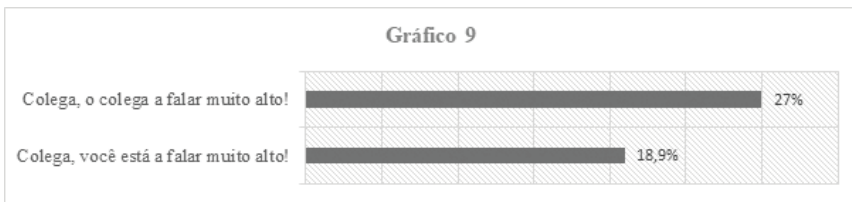
A interpretação dos dados relativos a esta questão pode fazer-se pela sua correlação com a quarta. Primeiro, porque as duas, assim como as suas possibilidades de resposta, simulam relações de assimetria; segundo, porque, apesar das diferenças decorrentes das suas especificidades, remetem para contextos formais, teoricamente marcados por um distanciamento em maior ou menor grau entre os interlocutores. Finalmente, porque os dados relativos às questões e às respetivas respostas apontam para o mesmo resultado, i.e., para uma interpretação que atribui ao *você* um valor negativo, em virtude do que se registam, para ambos os casos, baixos índices percentuais relativamente ao *você* – são 11,6% para esta questão e 17% para a quarta, contra os 50% referentes ao tratamento pronominal nesta e os 59,8% relativos àquela.

Corroboram, portanto, os dados até aqui apresentados, e que se interpretam como a demonstração de que, generalizando-se o seu uso no

PA, o falante usa ou não o *você* determinado pelo valor positivo ou negativo que lhe atribui, para o que intervém igualmente o tipo de ato fala expressivo.

**Pergunta 9** - Imagine que começa um diálogo com um colega (de trabalho ou de escola) que ainda não conhece, mas que aparenta ter idade superior à sua. Que frase, entre as que seguem, usaria para se dirigir a este colega?

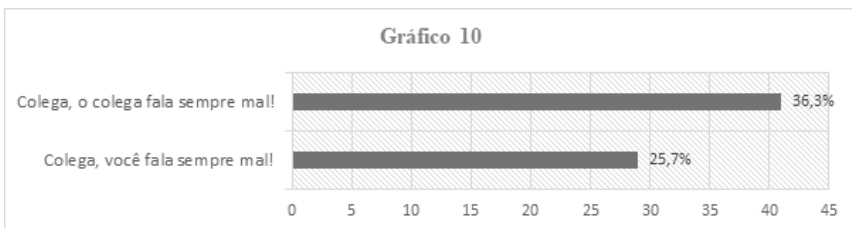
GRÁFICO 9 – Resultados da pergunta 9



Esta pergunta, bem como as suas possibilidades de resposta, simulam um tipo de simetria, caracterizado pelo distanciamento socio-afetivo entre os interlocutores, o que se pode constituir num fator determinante para a interpretação dos dados obtidos como apontando para um *você de distanciamento*. É isto o que explica os valores percentuais relativamente baixos (18,9%), tendo em conta os 36,9% referentes ao tratamento nominal.

**Pergunta 10** - Imagine que começa um diálogo com um colega (de trabalho ou de escola) já conhecido, de idade superior à sua. Que frase, entre as que seguem, usaria para se dirigir ao colega?

GRÁFICO 10 – Resultados da pergunta 10



Os 25,7% referentes ao tratamento pronominal não são consideravelmente distintos dos 36,3% atribuídos ao tratamento pronominal; isto pode pressupor uma interpretação que resulta na atribuição de um valor proxémico, o qual permite, neste caso, a identificação de um *você de intimidade*.

## 5. Considerações finais

O ponto de partida para este estudo é a ideia de que, generalizando-se o seu uso no contexto angolano, o *você* vai adquirindo, a exemplo do que se regista nas variedades diatópica e diastrática do PE, valores semânticos distintos, pragmática e discursivamente determinados. Assim, tendo por base o valor associado a esta FT como um fator determinante para o seu uso (ou não) em contextos específicos de elocução, incluindo nos contextos em que, de acordo com o padrão, tal uso é desaconselhado, procurou-se identificar os valores semânticos que se lhe associam, e, concomitantemente, os fatores pragmático-discursivos inerentes a este uso e a esta associação.

É possível concluir, mediante a análise e discussão dos dados, que está a ocorrer, no contexto nacional, um processo de ressignificação dessa FT, em virtude do que resultam valores positivos e/ou negativos determinados contextualmente. Portanto, tal como no PE, em relação às suas variedades diatópicas e diastráticas, pode-se falar, no que se refere ao PA, de distintos tipos de *você*: *você de intimidade*, *você de intimidade-afeto*, *você de respeito-afeto*, *você de superioridade*, *você de inferioridade*, *você de distanciamento*; *você interpolar*, *você depreciativo*.

O tipo de ato expressivo – de elogio ou de crítica –, a diferença etária entre os interlocutores, o contexto discursivo, formal ou informal, a relação assimétrica – de poder ou de solidariedade – ou proxémica, constituem-se em variáveis determinantes para a associação de um daqueles valores ao *você*; pragmática e discursivamente, esta associação traduziu-se nos números percentuais aproximados entre esta FT, pronominal, e uma nominal, quando em atos de fala expressivos de elogio; quando em atos expressivos de crítica, a disparidade entre os dois tipos de FT tende a revelar-se expressiva; dito de outro modo: quando se associa ao *você* um valor semântico positivo – carinho, deferência –, este ocorre num ato de fala expressivo de elogio

e o tratamento pronominal apresenta dados percentuais (muito) próximos dos dados relativos ao tratamento nominal; quando, ao contrário, ocorre em atos expressivos de crítica, revela-se consideravelmente ameaçador da face negativa, o que se reflete na redução da sua ocorrência, traduzida em índices percentuais (muito) baixos, comparativamente aos índices percentuais relativos ao tratamento nominal. Portanto, tanto menos usado será o *você*, quanto mais ameaçador se revelar para a face negativa do alocutário.

Finalmente: o centro da reflexão deixa então de ser o questionamento sobre se ocorre ou não o tratamento pronominal por *você*; ao invés, uma reflexão em torno desta FT no PA deverá dar origem a estudos que visam, entre outros, identificar, descrever e/ou explicitar os distintos valores semânticos, bem como os fatores pragmático-discursivos subjacentes ao seu uso ou evitamento.

#### REFERÊNCIAS

- Balsalobre, S. R. G. (2015). *Brasil, Moçambique e Angola: Desvendando Relações Sociolinguísticas pelo Prisma das Formas de Tratamento* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional UNESP. <http://hdl.handle.net/11449/127872>
- Balsalobre, S. R. G. (2017). Minhas Mães, Meus Pais, Minhas Tias e Meus Tios: A Teoria do Parentesco como Contribuição ao Estudo das Formas de Tratamento Nominais de Angola e de Moçambique. *Estudos Linguísticos*, 46(1), 252-268. <https://doi.org/10.21165/el.v46i1.1542>
- Bazenga, A. (2017). Formas de Tratamento. [https://www.researchgate.net/publication/323366226\\_Formas\\_de\\_tratamento](https://www.researchgate.net/publication/323366226_Formas_de_tratamento)
- Cavalheiro, V. M. (2016). As Diferentes Regras de Uso das Formas Tu e Você e Suas Influências na Compreensão de Narrativas Literárias: PB e PE [Tese de Doutorado]. Universidade do Porto. [https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiQmujeodb4AhVUhP0HHUsOBelQFnoECAoQAQ&url=https%3A%2F%2Fsigarra.up.pt%2Ffep%2Fen%2Fpub\\_geral.show\\_file%3Fpi\\_doc\\_id%3D121849&usq=AOvVaw0KH7cQmg2ntOZ9Psyn3Zh](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiQmujeodb4AhVUhP0HHUsOBelQFnoECAoQAQ&url=https%3A%2F%2Fsigarra.up.pt%2Ffep%2Fen%2Fpub_geral.show_file%3Fpi_doc_id%3D121849&usq=AOvVaw0KH7cQmg2ntOZ9Psyn3Zh)
- Duarte, I. M. (2010). Formas de Tratamento: Item Gramatical no Ensino do Português Língua Materna. In A. M. Brito (Org.), *Gramática: História, Teorias, Aplicações* (pp.

- 133-146). Faculdade Letras da Universidade do Porto. [https://www.researchgate.net/publication/327424379\\_Formas\\_de\\_tratamento\\_item\\_gramatical\\_no\\_ensino\\_do\\_Portugues\\_Lingua\\_Materna\\_Formas\\_de\\_tratamento\\_item\\_gramatical\\_no\\_ensino\\_do\\_Portugues\\_Lingua\\_Materna](https://www.researchgate.net/publication/327424379_Formas_de_tratamento_item_gramatical_no_ensino_do_Portugues_Lingua_Materna_Formas_de_tratamento_item_gramatical_no_ensino_do_Portugues_Lingua_Materna)
- Gouveia, C. A. M. (2008). As Dimensões da Mudança no Uso das Formas de Tratamento em Português Europeu. In F. Oliveira, & I. M. Duarte (Eds.), *O Fascínio da Linguagem – Atas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca* (pp. 91-100). Centro de Linguística da Universidade do Porto. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6695.pdf>
- Hammermüller, G. (1993). *Die Anrede im Portugiesischen: eine soziolinguistische Untersuchung zu Anredekonventionen und Anredeformen des gegenwärtigen europäischen Portugiesisch*. Nov neuer Verlag.
- Lešková, J. (2012). As Formas de Tratamento em Português Europeu [Dissertação de Mestrado]. Universidade Palacký de Olomouc. <https://fliphtml5.com/pqpej/gdog/basic/51-73>
- Marques, M. A. (2008). Quando A Cortesia é Agressiva. Expressão de Cortesia e Imagem do Outro. In F. Oliveira, & I. M. Duarte (Eds.), *O Fascínio da Linguagem – Atas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca* (pp. 277-297). Centro de Linguística da Universidade do Porto. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6710.pdf>
- Marques, M. A., & Duarte, I. M. (2019). Formas de Tratamento e Preservação da Face em Interações Verbais Online. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 9(5), 236-249. <https://ojs.apl.pt/index.php/RAPL/article/view/15>
- Matoso, A. (2003). *Dicionário da Gramática da Língua Portuguesa*. Quarteto.
- Nascimento, M. F. B. do (2020). Formas de Tratamento. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, A. Mendes, & A. Andrade (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. 3, pp. 2701-2730). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nascimento, M. F. B., Duarte, E., & Mendes, A. (2018). Sobre Formas de Tratamento no Português Europeu e Brasileiro. *Diadorim*, 20 (Especial), 245-262. <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/23276>
- Naege, J. M. (2021). As Formas de Tratamento no Português de Angola: Contributo Semântico-Pragmático. In A. A. Timbane, D. P. Sassuco, & M. Undolo (Orgs.), *O Português de/em Angola: Peculiaridades Linguísticas e a Diversidade no Ensino* (pp. 124-141). Opção Editora.
- Silva, A. K. da (2020). Formas de Tratamento no Português de Angola. Estudo Sociolinguístico [Tese de Doutoramento, Universidade de Évora]. Repositório da Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/28355>